

# A esquerda e a nova esquerda: rupturas e continuidades

## Entrevista com Lincoln Secco<sup>1</sup>

Breno Augusto de Oliveira Santos<sup>2</sup>  
Guilherme Cardoso de Sá<sup>3</sup>

**Breno/Guilherme:** A história da esquerda originou-se na Revolução Francesa. Desde então, diferentes correntes ideológicas caracterizam-na, como a anarquista, a socialdemocrata, a do socialismo utópico e a comunista. É possível traçar uma linha histórica da esquerda?

**Lincoln Secco:** Eu acho que quem nos ajuda, por incrível que pareça, é o pensador liberal Norberto Bobbio, em seu livro *Direita e Esquerda*,<sup>4</sup> porque essa origem que você citou diz respeito mais aos lugares da política, e não tanto a uma definição do que é ser esquerda. Esquerda, em muitos momentos da história, é um posicionamento no espectro político possível. Você citou várias correntes que não necessariamente estiveram sempre à esquerda, você pode dizer que há liberais à esquerda no século XIX, no século XX é mais comum encontrá-los na direita. É por isso que uma linhagem histórica da esquerda sofre as vicissitudes do tempo.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de História da USP, Lincoln Secco é autor de livros como Gramsci e o Brasil, publicado pela editora Cortez (1995); A Revolução dos Cravos, pela editora Alameda (2005); Caio Prado Júnior, pela Boitempo (2008) e História do PT, pela Ateliê (2011, agora na sexta edição).

<sup>2</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

<sup>3</sup> Doutorando em História Econômica na Universidade de São Paulo / Docente do IFESP.

<sup>4</sup> BOBBIO, N. *Direita e Esquerda*: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

Mas eu acho que a gente, geralmente os historiadores que estudam história contemporânea, levam muito em consideração o impacto das duas grandes revoluções sobre a esquerda. Você citou a Revolução Francesa (1789) que estabelece esses lugares políticos da esquerda e da direita; ao longo do século XIX, há um período de formação do socialismo que foi considerado depois, por Marx e Engels, como *socialismo utópico*, acho que é um termo muito genérico, mas houve uma formação do socialismo não necessariamente a partir de um movimento operário, esse é um caso mais inglês, o qual Thompson descreve em sua obra<sup>5</sup>. Mas, no caso da França, por exemplo, a própria palavra proletariado não era usada até por volta de 1820, 1830, então, o socialismo vai encontrando a classe operária como o sujeito central e, nesse sentido, o marxismo foi uma expressão teórica, a mais importante dessa emergência da classe operária como o centro da tradição socialista.

No século XX, nós temos um impacto profundo da Revolução Russa (1917) que muda muito a trajetória da esquerda. Pensar que a esquerda nasce e se desenvolve no início do século XIX muito mais como uma esperança que era depositada nos experimentos utópicos, nas comunidades alternativas e nas cooperativas, mesmo nos sindicatos, em atividades práticas também, e, aqui, cabe um parêntese, pois considerávamos o socialismo utópico como algo de nefelibatas, de quem só ficava imaginando uma sociedade futura, muito pelo contrário, é um socialismo muito prático, talvez mais prático do que os primeiros socialistas marxistas eram, porque eles de fato tentaram criar comunidades que se contrapusessem ao capitalismo. Fechando esses parênteses, era um socialismo que ainda era muito caracterizado por uma esperança, por um apelo à sociedade para que ela se transformasse a partir das ideias. Depois, com a ruptura que o marxismo representou nessa tradição, cada vez mais o socialismo se tornou uma fé científica, parece

---

<sup>5</sup> THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

até uma contradição em termos, mas porque o movimento operário foi cada vez mais conduzido a acreditar que tinha uma ciência que podia explicar a história e, portanto, explicar o seu advento como a classe que emanciparia a humanidade. E a socialdemocracia, durante a Segunda Internacional, consubstanciou o socialismo como uma ciência. Podemos divergir, dizer que era ou não era, mas assim ele era entendido e o marxismo foi entendido como uma ciência.

Enfim, teríamos muita coisa para falar sobre isso, porque a socialdemocracia chega a um momento de crise prática por causa da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e essa ideia de que ela poderia expressar uma ciência que explicaria naturalmente a revolução do proletariado e do socialismo no interior do capitalismo de maneira até pacífica gradual, quer dizer, essa ideia entrou em xeque com a Primeira Guerra Mundial e, por isso, a Revolução Russa representou um *grande tournant* nessa trajetória, ela revirou o mundo da esquerda. São várias ideias que foram contrariadas pelo Lenin, primeiro que a revolução poderia acontecer no elo mais fraco da cadeia imperialista, poderia acontecer num país de maioria camponesa, que a revolução poderia depender em parte também da vontade organizada de um partido de revolucionários profissionais, quer dizer, tudo aquilo que a socialdemocracia não levava em consideração. Então, resumindo, para essa enorme pergunta, nós passamos da esperança para a ciência e da ciência para a revolução.

**B/G:** Desde a Revolução Russa de 1917 e o estabelecimento do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em 1918, a esquerda internacional e o movimento comunista em diversas regiões do globo passaram a ter uma referência teórica e organizacional, o marxismo-leninismo como guia e o Partido Comunista como instrumento revolucionário da classe trabalhadora. Como o professor avalia a influência soviética sobre as esquerdas e qual foi a sua importância para a classe trabalhadora no cenário mundial?

**LS:** Primeiramente, o final da sua pergunta, a importância da União Soviética para a classe trabalhadora mundial é total! Sem a União Soviética, grande parte das conquistas da classe trabalhadora no século XX não teria acontecido. Ela foi uma ruptura prática no imperialismo, podemos discutir aqui muito sobre qual era o modo de produção dominante na União Soviética, sobre a característica da sociedade soviética, mas, na prática, ela foi uma ruptura com o espaço do imperialismo, e representa uma ameaça, portanto, sem falar das outras coisas que são básicas. Ela ganhou a Segunda Guerra Mundial, e isso não foi um pequeno detalhe! Mas, enfim, então é total a influência da URSS.

Agora você falou antes sobre a questão dos partidos comunistas e da influência na organização da esquerda, essa influência se deu principalmente pelo advento da Terceira Internacional e a gente tem que entender a diferença da Terceira para a Segunda. A Segunda Internacional visava organizar um movimento Internacional, mas ela era uma Internacional basicamente europeia, havia alguns outros partidos, até o da Argentina participava, mas era basicamente europeia. E isso trazia vários problemas para aquela organização, por exemplo, muitos socialistas sociais-democratas e trabalhistas eram colonialistas, então o nome Internacional para a Segunda Internacional deveria sofrer uma certa crítica, até que ponto ela foi Internacional? Além disso, ela era só uma associação de partidos, cada partido tinha muita independência e, na prática, o partido socialdemocrata alemão era o mais importante por causa do seu peso na Alemanha, e da própria importância da Alemanha na economia mundial.

A Alemanha e os Estados Unidos começavam a ameaçar a hegemonia britânica no final do século XIX. Então, o SPD, o Partido Social-Democrata Alemão, tinha muita importância, mas ele não mandava nos outros partidos e é também por isso que a famosa votação dos créditos de guerra impactou todo o movimento operário europeu a tal ponto que se diz que Lenin não acreditou quando leu a notícia no jornal. Teria dito: “não acredito que a socialdemocracia alemã tenha

feito isso, votado os créditos de guerra para o seu país, fazendo uma guerra imperialista”, mas, enfim, a Terceira Internacional já não era uma associação *entre aspás* “livre”. Primeiro que ela impunha condições que todos os partidos tinham que seguir, depois ela se entendia como um estado maior da revolução, e temos que levar ao pé da letra o termo “militar” aí, o *Estado-Maior*, que, aliás, é uma criação em grande medida da Revolução Francesa e da contemporaneidade, mas a Terceira Internacional organizava a logística da luta política mundial, ela aconselhava os partidos, ela dava sustentação até material para várias seções. Aliás, os partidos eram entendidos como seções, salvo engano, o primeiro nome do partido do PCB era SBIC – Seção Brasileira da Internacional Comunista – ele era uma seção de um partido internacional; isso também tinha um aspecto psicológico que era importante para os comunistas.

Hobsbawm escrevia muito sobre o que era ser comunista nos anos 30, isso não existe mais hoje. Ser comunista nos anos 30 era uma escolha de vida, *Una Scelta di Vita, Escolha de Vida*, (título do livro de Giorgio Amendola), era doar o resto de sua vida para uma causa. Hobsbawm dá muita atenção a isso na autobiografia dele e, mesmo em *Era dos Extremos*, contando vários episódios de como os comunistas resistiam, por exemplo, ao nazismo, mesmo dentro das prisões nazistas na Alemanha, e como eles mantinham a fé, era uma fé, uma fé laica na emancipação humana, então isso acabou, mas a Terceira Internacional, portanto, teve esse efeito muito mais forte na organização das seções nacionais comunistas e um efeito psicológico que a socialdemocracia nunca teve. E não é de menor importância esse efeito psicológico, veja as memórias do Jan Valtin que se chama *Do Fundo da Noite*<sup>6</sup> que é um livro maravilhoso para ler. É um livro que foi editado no Brasil logo depois que ele foi editado nos Estados Unidos no início dos anos 40. Valtin é um ex-comunista alemão arrependido, mas ele conta, às vezes

---

<sup>6</sup> VALTIN, Jan. **Do Fundo da Meia Noite**: memórias de um famoso espião e agitador alemão. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1947.

de maneira quase ficcional, muitos detalhes da vida clandestina dos partidos comunistas, porque ele operava nos subterrâneos da luta política, quer dizer que há toda uma história subterrânea do comunismo que é muito pouco conhecida, obviamente, e ele também conta como ele ficou preso pela *Gestapo*<sup>7</sup> até que lemos uma cena no livro dele em que aparece um bilheteinho debaixo da porta com uma mensagem, e ele percebe que tem um carcereiro, alguém do lado de fora, que é do Partido Comunista Alemão. Naquele momento, ele sentiu de novo o que era fazer parte do exército mundial da revolução. Em qualquer lugar do mundo, o partido podia ser minúsculo, mas você era parte do exército mundial da revolução. E foi isso que acabou e não é com o fim da União Soviética, na verdade vinha acabando antes. A Terceira Internacional foi um momento único na história contemporânea, porque esse foi o único momento em que realmente teve um movimento internacional revolucionário organizado.

No entreguerras, especialmente com a ascensão do fascismo, muitos intelectuais viram no comunismo a única possibilidade de resistência, porque os movimentos liberais, sociais liberais, a social-democracia na prática se aproximava já do liberalismo, eles não tinham força organizada para se contrapor ao fascismo, já os partidos comunistas eram montados para resistir na clandestinidade, além de atuar na legalidade. Havia uma demonstração de força que atraía a intelectualidade que se contrapunha ao fascismo, isso se refletiu também nos cientistas. Muitas pessoas ligadas às Ciências Naturais também se vincularam ao comunismo, e por quê? Em parte, por isso que lhe falei, era a única força antifascista e que podia de fato resistir, mas por outro lado, isso tinha a ver com uma certa leitura também do marxismo como uma ciência, como um método científico, como algo que se podia adaptar à sua área de conhecimento. Não é à toa que muitos físicos, biólogos se aproximaram do comunismo no entreguerras, aqui no Brasil também.

---

<sup>7</sup> Polícia secreta de Hitler.

No Brasil, a gente teve não só historiador, não somente economista, por exemplo, Mário Schenberg<sup>8</sup> foi o físico mais importante que o Brasil já teve e era um comunista. Pela história do PCB, você nota que a quantidade de intelectuais ligados às Ciências Naturais que fizeram parte do partido é impressionante. Matemáticos, por exemplo, eram do partido, muitos médicos da universidade de São Paulo eram do partido, sem contar os artistas, pessoas ligadas à cultura, música, ao cinema, você não conta a história do cinema brasileiro sem contar a história do PCB, então é algo que também não tem paralelo.

**B/G:** Intelectuais críticos ao modelo soviético estiveram nas fileiras dos Partidos Comunistas na luta contra o nazifascismo nos anos de 1930 e 1940. Contudo, após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) realizado em 1956, a invasão das tropas soviéticas na Hungria no mesmo ano, e os acontecimentos de Maio de 1968 na França, uma parte desses intelectuais romperam com os PCs e, alguns, até mesmo com o marxismo. Podemos afirmar que as décadas de 1950 e 1960 marcariam a crise de uma esquerda e o nascimento de outra?

**LS:** Acho que houve uma crise da esquerda seguramente por vários motivos, não só por causa do XX Congresso da União Soviética, ele de fato foi importante, pois rachou o movimento comunista internacional, mas também por algumas rupturas de Estados. Antes do XX Congresso, já tinha uma ruptura importante com a Iugoslávia, e depois do XX Congresso, teve a ruptura com a China, quer dizer, uma ruptura com um estado como a China, com uma população que tinha, e tinha feito a segunda grande revolução socialista do século XX, para um historiador isso é muito mais significativo do que a ruptura de intelectuais descontentes com o XX Congresso, porque uma parte da esquerda se reorientou em função da aproximação com a China.

---

<sup>8</sup> Mário Schenberg (1914 – 1990) foi um físico e professor da USP.

Você também citou 68, ao lado de 68 teve uma revolução que é de fato muito mais importante, que é a revolução cultural chinesa que, aliás, teve impacto também na França no Maio de 68. Houve movimentos objetivos na história que explicam a crise da esquerda.

Penso também em algumas mudanças que já se operavam no mundo do trabalho, porque há uma crise também do trabalho, do movimento operário, pois, no final da Segunda Guerra Mundial até mais ou menos no final dos anos 60 e início dos anos 70, na época dos anos gloriosos da economia capitalista, há uma série de mudanças no chão de fábrica que já começam a se expressar no campo da política. Nem vamos falar do caso do Japão que tem uma alternativa ao chamado fordismo, e que destruiu os sindicatos; mas no caso europeu, com grande avanço da produtividade, a sociedade se tornou cada vez mais uma sociedade de serviços com a reestruturação produtiva, então uma boa parte da crítica de 68 é uma crítica ao velho proletariado que é a base dos partidos sociais-democratas e dos partidos comunistas que estão mais ou menos acomodados numa linha reformista, porque eles obtêm ganhos reais para a classe trabalhadora no pacto social-democrata que se estabeleceu na Europa.

Há uma crítica dessa *nova esquerda* à *esquerda anterior*, porque essa nova esquerda busca novos sujeitos para a revolução. Claro que em 68 também houve a maior greve operária da França, houve a tentativa de contato dos estudantes com os operários, esses contatos não deram muito certo, mas havia uma promoção de novos sujeitos: o movimento negro nos Estados Unidos, por exemplo, os estudantes na França, as camadas médias, enfim, a ideia de que a revolução talvez não fosse mais uma revolução de uma classe social.

**B/G:** Pensando na fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922, qual foi a sua importância para a história da esquerda brasileira e na organização do movimento operário do país? E como você avalia o seu desenvolvimento diante os momentos de legalidade e ilegalidade?

LS: É uma ótima questão, porque o Partido Comunista do Brasil tem uma grande expressão ideológica e simbólica nos anos 20 e 30, mas ele só se torna, do ponto de vista do historiador, um partido de efetiva incidência na vida social brasileira depois da Segunda Guerra Mundial, e isso porque ele se torna um partido de massas.

O PT não foi o primeiro partido de massas da história do Brasil, o PCB foi, na verdade, um partido de massas de 1945 a 1947, foi casado, mas, mesmo na clandestinidade, foi um partido que continuou tendo dezenas de milhares de pessoas atuando nele. O PCB teve alguns períodos muito breves de legalidade, quando foi fundado, ainda nos anos 20, e depois esse que eu citei que foi o maior, no final do Estado Novo (1937-1945), na transição para a República de 1946, mas, na maior parte, ele atuou na ilegalidade.

Houve talvez, nessa República de 1946, um momento que eu chamaria de semilegalidade do partido, especialmente a partir dos anos de JK, o partido foi mais ou menos aceito, nunca deixou de atuar na esfera cultural intelectual, mesmo nas grandes campanhas políticas, ele não era um partido inteiramente clandestino nesse período, foi muito nos anos 1930, foi barbaramente perseguido a partir de 1935. Ele é praticamente destruído no início do Estado Novo, mas, quando se organiza nos anos 1940, ele se torna um partido muito importante na vida da classe operária.

No caso da Argentina, por exemplo, o PC argentino se aliou com os movimentos antiperonistas, porque parecia muito lógico isso, o Perón era tachado de fascista, aliás era um admirador do Mussolini, só que ele acabou enveredando para uma política de aproximação com a classe trabalhadora argentina. Ele se tornou um ícone da classe trabalhadora e atendeu muitas das suas demandas, mas lá o Partido Comunista se aliou aos liberais e conservadores, numa aliança antifascista.

No Brasil não, o PCB era um partido quase absolutamente novo, tinha praticamente desaparecido e reaparece com uma nova militância e essa nova militância também já é produto da industrialização que estava acontecendo no Brasil durante o Estado Novo. Essa classe

operária passa a ter uma espécie de pacto com Vargas. O PCB no Brasil não cometeu o erro de ser contra Vargas naquele momento, ele se alia, na verdade, ao Vargas. O PCB se aliou ao movimento queremista, manteve a sua independência, mas era um aliado do movimento queremista. Tinha um projeto próprio para a redemocratização do Brasil, mas, ao mesmo tempo, defendia a constituinte com Getúlio e isso garantiu para o PCB, apesar de suas idas e vindas, do manifesto de agosto, defesa de luta armada etc. Apesar disso, como é um partido que tinha já um número expressivo de militantes, esses militantes forçavam o partido a ser mais pragmático no movimento sindical, por exemplo. Os comunistas em alguns momentos queriam formar sindicatos paralelos, mas na prática os militantes comunistas viram que era inviável, por causa da nossa estrutura sindical, por causa da CLT, era inviável ter um modelo alternativo.

Os anarquistas já tinham sido derrotados defendendo um modelo alternativo. O que você podia fazer, atuar na estrutura sindical que existia, então os comunistas atuaram muito com as lideranças do PTB, do Partido Trabalhista Brasileiro. Eles foram grandes organizadores da greve de 1953, eles tiveram realmente bastante incidência na vanguarda da classe trabalhadora. Claro que a massa trabalhista votava no Getúlio Vargas do PTB, mas no movimento sindical o PCB sempre teve muita importância. Eu não diria que até 1964 não, é até início dos anos 80.

**B/G:** Nas Américas, a adoção da luta armada se estendeu por diversas localidades do continente, influenciada principalmente pela vitória do Movimento 26 de Julho em Cuba, o qual expressou uma guinada das práticas das esquerdas. Em que medida a Revolução Cubana influenciou a esquerda brasileira? E qual foi o papel do PCB diante desse novo cenário?<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Foi diante do cenário externo dos efeitos da Revolução Cubana de 1959 e da conjuntura pós-1964, com as perseguições dos opositores do governo civil-militar, que o PCB realizou o VI Congresso, o qual resultou na expulsão de seus quadros, entre

LS: Penso que a Revolução Cubana é, mas também a Guerra na Argélia e a Guerra do Vietnã compõem uma série de eventos que serviu para essa *nova esquerda* que você citou para se contrapor ao PCB naquele momento em que ele é derrotado em 1964. Já havia uma busca de alternativas políticas e ideológicas de alguns grupos de esquerda e estudantes, principalmente antes de 64, mas é só com o golpe de 64 que essa esquerda mais jovem, eu não sei se é exatamente nova, mas ela é mais jovem, ela buscou alternativas que levaram à luta armada. Agora é difícil você avaliar o impacto, eu acho que, em parte, também há uma questão que é o impacto sobre o próprio PCB, ele não foi um partido capaz de reagir ao golpe e atrair essa juventude que queria resistir.

Eu dou um exemplo para você. O caso do Partido Comunista Português, ele era da tradição soviética também, se alinhou à União Soviética depois do XX Congresso como o PCB, era um partido clandestino, mas o que ele fez diante do início da guerra colonial na África, do recrudescimento da repressão salazarista nos anos 1960? Ele apoiou a formação de um braço armado só para as ações defensivas da militância do partido. Montou um programa que previa uma insurreição popular que se seguiria a um levante armado, que ele previa que deveria vir de uma parte do exército, como efetivamente aconteceu em 1974. Foi uma análise brilhante que foi feita pelo Partido Comunista Português, não quer dizer que em Portugal não tenha surgido todo tipo de grupo à esquerda do PCP, mas ele continua sendo um partido majoritário na esquerda revolucionária portuguesa por muito tempo. O PCB não fez isso no Brasil.

O PCB entrou numa crise com vários rachas e se tornou um partido eleitoral clandestino, basicamente foi isso, ele continuou sendo muito importante no MDB, porque um partido acostumado a atuar na clandestinidade teve capacidade de fazer campanha eleitoral e eleger deputados durante os anos 1970, alguns são até cassados. Em 1982,

---

eles, Carlos Marighella.

o PCB tinha uma bancada federal apreciável, mais diversa regionalmente, mais importante que a do PT. Então, é um partido que contou com essa capacidade de ser um operador político como diz Milton Pinheiro que é um estudioso do PCB na Bahia, ele conseguiu sobreviver, mesmo sendo essa espécie de partido eleitoral clandestino, através do MDB.

Mas, ele foi perdendo o contato com o movimento operário, acho que pelas escolhas que ele fez, mas também pela repressão que sofreu. Você tem que levar em consideração isso também, o PCB nos anos 1970 sofre uma repressão nas fábricas, por exemplo, na Volkswagen em São Paulo, ele sofre uma repressão em lugares que você nem imagina que ele atuava, por exemplo, na polícia militar de São Paulo, nos anos 1970, caiu uma célula com dezenas de oficiais. O que era esse partido? Um partido que tinha gente infiltrada no DOI CODI, tem que fazer uma pesquisa no Arquivo do Estado, tem material lá mostrando como o partido tinha contatos inclusive dentro das forças armadas. O pesquisador Paulo Cunha da Unesp estuda os militares do PCB e diz que o Antimil<sup>10</sup> que era essa organização militar clandestina do PCB nas polícias militares, nas forças armadas, na antiga Força Pública, existiu até os anos 1980. Não era um partido de pouca importância, era um partido que sabia operar a política.

O PCB foi o partido que mais teve gráficas no Brasil. O pesquisador Wilson Milani estudou no Rio de Janeiro as gráficas do PCB<sup>11</sup>, é um partido que teve várias editoras, as editoras mais importantes de esquerda nos anos 40 até os anos 60 eram ligadas ao Partido Comunista, um partido que tinha grandes rotativas, importou máquinas para imprimir jornal, distribuía jornal em escala nacional durante o governo Médici. Aí teve uma grande repressão a partir de 74 e 75 que atingiu

---

<sup>10</sup> Sobre o tema ler: CUNHA, Paulo Vieira da. O ANTIMIL: o setor militar – origens de uma organização, **Lutas Sociais**, São Paulo, n.29, p.59-71, jul./dez. 2012.

<sup>11</sup> BERNARDES, Wilson Roberto Milani. As gráficas clandestinas do PCB: anticomunismo e ação repressiva do Estado. Tese (**Doutorado em Comunicação e Cultura**). Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

o partido, isso dificultou também que ele se reorganizasse quando o PT estava surgindo, mas é claro que também há os erros de política do partido, é um partido que não entendeu o chamado *novo sindicalismo*. Podemos hoje problematizar o termo, não era tão “novo” assim. Mas, o fato é que o PCB não entendia mais que aquele *novo sindicalismo* não se expressaria num modelo leninista de partido, como era o PCB.

**B/G:** Mas você acha pertinente a crítica do Jacob Gorender na obra *Combate nas Trevas* sobre o PCB?

**LS:** Eu conheci bastante o Jacob Gorender nos anos 1990, gostava muito dele, o livro *Combate nas Trevas*<sup>12</sup> é magnífico, só que ele é um autor muito interessado, interessado no sentido de ser parte daquela história que ele conta, ele mesmo disse isso, e até escreve em primeira pessoa em alguns momentos do livro. Ele, por exemplo, mostra ali toda a raiva que tem do Luiz Carlos Prestes, que é excessiva, mas você entende, pois conviveu com Prestes, e fez parte de um dos rachas do PCB de onde surgiu o PCBR, que é diferente da ala do Marighella, porque o PCBR quer ser um novo partido comunista e realmente revolucionário.

O Marighella não, ele sequer rompe com o conteúdo da política do PCB. O que o Marighella fez foi uma ruptura de forma, eu não sei se ele tinha consciência disso, mas estava muito mais antenado com o que acontecia na América Latina e na Europa, e não é à toa que o *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*<sup>13</sup> foi adotado em vários movimentos revolucionários em todo o mundo na época. Ele faz uma ruptura de forma porque não criou um partido, ele criou um tipo de organização que recebe um chamado, qualquer um pode ser a Ação Libertadora

---

<sup>12</sup> GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas:** a esquerda brasileira: das ilusões perdidas a luta armada. São Paulo, SP: Ática, 1987.

<sup>13</sup> Escrito em 1969 por Carlos Marighella.

Nacional<sup>14</sup>, forma-se um grupo e faz-se alguma coisa pelo seu país contra a ditadura, ou seja, não era uma estrutura partidária.

Claro que ele, como um comunista, pensava no momento posterior em ter algo mais organizado para desencadear a luta no campo, a luta armada mais vasta, mas o que ele fez foi só uma preparação da luta armada. Aliás, até o Wilson Barbosa<sup>15</sup> fala disso. Na verdade, no Brasil, não houve rigorosamente luta armada naquele período, quer dizer, houve uma preparação para a luta armada que foi reprimida, pois nenhum partido, nenhum grupo conseguiu desencadear de fato a guerrilha no campo e muito menos chegar a ter zonas liberadas. O Gorender faz uma crítica do PCB, segundo o ponto de vista de quem rompeu tentando criar um partido revolucionário alternativo. Mas, nesse livro, *Combate nas Trevas*, cita, muito positivamente, a visão do Caio Prado Júnior, porque no livro *A Revolução Brasileira*, Caio Prado Júnior, na visão do Jacob Gorender, defendia uma espécie de resistência de massas, quer dizer, de um programa para que houvesse uma resistência popular de massas contra a ditadura. É o que o Partido Comunista Português que eu citei antes defendeu, você tem uma resistência de massas, então o partido tem que estar vinculado às lutas operárias, ao dia a dia da população, tem que ter uma organização armada para defesa dos seus militantes, mas não para se expor, tem que fazer um trabalho no interior das forças armadas, coisa que o Partido Comunista Português fazia. O Partido Comunista também deixava muito claro que um levante armado teria que ter ao seu lado um levante popular, de outro modo não seria uma revolução.

---

<sup>14</sup> Ação Libertadora Nacional (ALN), uma organização de esquerda armada, fundada no final dos anos de 1960.

<sup>15</sup> Wilson do Nascimento Barbosa, professor aposentado de História Contemporânea da USP e ex-militante do PCB e da Ação Libertadora Nacional (ALN).

**B/G:** E o guevarismo teve sua influência no Brasil?

**LS:** É claro que houve uma influência, especialmente sobre essa juventude que não encontrava mais no PCB uma alternativa de resistência à ditadura. Mas, acho que é aí que está o erro, a ideia de buscar modelos, porque a própria Revolução Cubana, que foi estudada por um amigo meu, José Rodrigues Mao Júnior, que escreveu um livro sobre a *Revolução Cubana e a Questão Nacional*<sup>16</sup>, só poderia dar certo em Cuba, ela estava imersa na tradição histórica revolucionária de Cuba desde as lutas da Independência. Até o local do desembarque do grupo do Fidel Castro, até a ideia de desembarcar para fazer a revolução, remetiam à história, às lutas anteriores do José Martí<sup>17</sup>, então aquilo era especificamente cubano, não poderia ser replicado, mas também não dá para cobrar isso de quem era um jovem de 18 anos e que queria fazer uma revolução e resistir à ditadura.

**B/G:** Mas e o VI Congresso do PCB? Seria uma reação frente à ditadura instalada e o impacto da Revolução Cubana?

**LS:** É o congresso dos rachas e das dissidências, mas não é o congresso mais importante do ponto de vista de formulação programática, o anterior é mais importante porque vai discutir o impacto do XX Congresso, sacramentar o caminho estabelecido na Declaração de Março de 1958, uma certa adesão do partido às políticas nacionais desenvolvimentistas, a tática eleitoral do partido vai discutir a revolução brasileira. O Caio Prado, por exemplo, participou muito desse Congresso e escreveu na tribuna de debates, há o debate da questão agrária, enfim, é um congresso importante, até porque realizado na semiclandestinidadade, o outro já foi depois do golpe de 64.

---

<sup>16</sup> MAO JR, José Rodrigues. *A Revolução Cubana e a Questão Nacional*. São Paulo: Núcleo de Estudos d'O Capital, 2007.

<sup>17</sup> Um dos líderes da independência cubana no final do século XIX.

**B/G:** Os anos 80 foram marcados não somente pela transição democrática, mas de reconfiguração da esquerda brasileira a partir do nascimento do Partido dos Trabalhadores. Frente a forte presença do trabalhismo e do PCB na história do movimento operário brasileiro, podemos afirmar que a fundação do Partido dos Trabalhadores representou o nascimento de uma nova esquerda? Mas quais são as peculiaridades do PT em comparação às outras esquerdas? E o que há da velha e da nova esquerda no PT?

**LS:** Depende muito do momento em que você olha para o surgimento do PT. Hoje eu diria para você que não é uma *nova esquerda* e nem é um *novo sindicalismo*, porque, naquele momento, era natural que convergissem os autonomistas, as oposições sindicais, uma crítica mais forte ao peleguismo por parte de uma jovem classe operária, porque o Brasil está ali no auge do segundo ciclo de industrialização no final da ditadura. Nós temos uma jovem classe operária concentrada no ABC Paulista, você tem vários elementos que faziam os próprios agentes históricos dali acreditarem que estavam fazendo algo absolutamente novo.

Você tem um *novo sindicalismo* que é crítico da CLT, principalmente da estrutura sindical, claro que não dos direitos dos trabalhadores, mas até certo ponto, até mesmo dos direitos que eles preferiam conquistar com a luta. Tudo isso fazia sentido porque era um movimento operário em ascensão e de grandes categorias com muita capacidade de mobilização ou do operariado industrial ou dos serviços públicos, por ter mais capacidade de mobilização e de manter a greve por muito tempo. Agora, quando você olha a partir de hoje em que a CLT foi destruída por governos neoliberais e a própria CUT se acomodou muito naquela estrutura sindical, você pode dizer que houve um *novo sindicalismo*?

**B/G:** Mas o que o PT em sua história se diferencia dos outros partidos de massa?

**LS:** É uma bela pergunta, e eu gostaria de falar um pouco mais tempo sobre ela.

Os primeiros estudos sobre o PT, na Ciência Política, acentuaram a dinâmica eleitoral e institucional do partido, olhando mais para a direção partidária. Também chamaram a atenção para a originalidade de um modelo de auto-organização como no estudo seminal de Raquel Meneghello<sup>18</sup>. Margareth Keck<sup>19</sup> escreveu sobre um partido quase como uma anomalia política revelando o emaranhado único de tendências e visões conflitantes em que surgiu o PT. Mas, o PCB surgiu de baixo para cima e de trabalhadores manuais, então qual é a diferença para o PT? Obviamente a escala, pois o PCB não era um partido de massas até o início dos anos 40, o PT já surge potencialmente como um partido de massas, é um partido muito grande no início dos anos 80 para a tradição de esquerda brasileira.

E temos que matizar essa questão dos intelectuais, porque, primeiro, os intelectuais é que escrevem a história, e os trabalhadores escrevem muito pouco a sua história. A própria historiografia que no Brasil se desenvolveu muito ligada a essa cultura petista e que adota o Thompson, ela é muito boa, deu grandes contribuições, mas ela também trouxe uma pretensão de que os intelectuais dariam a verdadeira voz à classe trabalhadora, porque os historiadores ligados ao comunismo não tinham feito isso, porque eles contavam a história de cúpulas sindicais e partidárias, o que não era exatamente verdadeiro. Pode ser que houvesse essa tendência maior a falar mais da história política do PCB, mas você pega um historiador como Edgar Carone e vê que ele fala muito do cotidiano antes de existir a expressão “história

---

<sup>18</sup> MENEGUELLO, R. **PT: A Formação de um partido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

<sup>19</sup> KECK, M. **PT – a lógica da diferença**: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira. São Paulo: Ática, 1991.

do cotidiano”. Mas, de qualquer forma, os intelectuais contam a história e é natural que eles, mesmo com a pretensão de dar a voz para os trabalhadores, deem relevo muito à participação deles, às tendências deles, seja sobrevalorizando o PCB ou as concepções mais libertárias que não necessariamente estavam na cabeça dos metalúrgicos do ABC. Por que que os trabalhadores precisam ter voz numa tese acadêmica? Alguém perguntou para eles? Essa é uma questão que é espinhosa. Eles precisam disso? Não tenho dúvidas que, num sentido muito indireto, a sociedade precisa disso. É importante fazer essa historiografia que iluminou aspectos que a anterior não iluminava, mas essa historiografia “thompsoniana” já começou a ser questionada, porque ela não dava atenção à mulher, ao negro, era um operário branco também, mais recentemente os historiadores se voltaram para outras formas de trabalho, para a maior diversidade regional.

O PT, como eu tentei mostrar no meu livro História do PT, não é um produto do ABC Paulista, claro que o ABC Paulista foi muito importante, e o PT não foi um produto dos intelectuais que aderiram ao PT, ele sequer é produto dos militantes que vêm da luta armada, porque os militantes que vêm da luta armada, sobreviventes, ingressam no PT, adquirem cargos na direção ou na assessoria da direção. Eles foram pessoas próximas dos sindicalistas que dirigiam o partido no início, e muitos não vêm da luta armada, são trotskistas, por exemplo, ou são políticos estabelecidos em parte no MDB, como é o caso do Suplicy. Ele foi importante nos anos 80 no PT, enfim, é muito mais complexa essa história. E o PT vai brotando em todo o território nacional de diferentes lutas, e isso é uma coisa que eu tentei mostrar no meu livro, tem lugar que os estudantes são mais importantes, tem lugar que são trabalhadores rurais, tem lugar que o PT nasce em acampamento do MST, tem lugar que o PT nasce em movimento ambientalista que já existia, Cubatão, por exemplo, tem lugar que nasce no salão paroquial da igreja, é um partido muito diverso, não tem unidade, eu diria que é federativo no início.

Você citou a questão do obreirismo, ele é uma típica reação do movimento sindical ao ingresso das tendências organizadas, porque elas chegam com um jargão, com a teoria, com uma tradição, e a maior parte do movimento sindical, nesse sentido, talvez ele fosse novo, mas não está ligado a essa tradição ou não quer reconhecer essa tradição. Eu vi muitos documentos internos do PT em que pessoas do movimento popular falavam assim: “podem vir, mas não venham ensinar nada pra gente, venham como pessoas comuns”.

**B/G:** Os pesquisadores que trabalharam o PT como objeto de estudo afirmam que o partido nasceu de forma pluralista, e com definições não tão claras sobre o socialismo. Mas, em atas e resoluções da década de 80, principalmente, aqueles produzidos pela principal tendência, a Articulação, indicam uma ideia de socialismo democrático. O que significaria socialismo democrático para o Partido dos Trabalhadores? E até onde pode-se afirmar a influência do socialismo democrático de Togliatti?

**LS:** No caso da influência italiana no Brasil, é uma influência em grande medida do eurocomunismo, já não digo mais que é o Togliatti<sup>20</sup>, ele é uma figura importantíssima, do ponto de vista teórico e prático, na cultura da esquerda italiana. Ele acabou conduzindo, no final da vida dele, o partido para essa linha da democracia progressiva, ele tem uma larga história e começa a questionar os modelos que ele conhecia já na Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939), porque ele foi talvez o principal dirigente comunista na Guerra Civil Espanhola do ponto de vista político. Ele estava em Madrid até 1938, ele saiu no último momento, resistiu até 1938 em Madri e ali começou a pensar na ideia de democracia progressiva, na questão da ampliação do arco de alianças antifascistas.

---

<sup>20</sup> Intelectual, militante e dirigente do Partido Comunista Italiano.

O Partido Comunista Italiano foi o maior partido comunista do Ocidente, uma máquina enorme, e ele vai além do Togliatti. A política do Enrico Berlinguer<sup>21</sup> foi muito influenciada pelo que aconteceu no Chile com a queda do Allende<sup>22</sup>, aquilo o assustou bastante. Ele refletiu muito depois que Allende caiu, porque na Itália e na Europa Ocidental se via na experiência chilena a maior experiência de vanguarda do socialismo democrático. Os chilenos chegaram à construção do socialismo ganhando eleições e, portanto, dentro da democracia era uma resposta aos impasses dos partidos comunistas europeus que não sabiam mais o que fazer. Eles eram indiferenciados da socialdemocracia. Aí vem o Chile e começa a construir o socialismo dentro da democracia. Quando cai, o Berlinguer e a cúpula do Partido Comunista Italiano começam a perceber que precisam se aproximar da outra grande força política italiana que é a Democracia Cristã<sup>23</sup>, então se amplia o diálogo entre católicos e comunistas, isso também provoca críticas da nova esquerda ao PC italiano, porque o PCI vai se calar diante da questão do aborto, por exemplo, e que interessava às feministas. Ele é visto como um partido conservador em muitos aspectos, e sabemos, pela história italiana, com o assassinato do Aldo Moro, que não deu certo a aproximação com a Democracia Cristã.

Uma coisa completamente esquecida na história do PCI é que, quando o diálogo com a Democracia Cristã se amplia, a sociedade italiana já era muito mais secular. Em 1976, 30% dos católicos frequentam a missa. Em 1956, eram 70%. No Brasil, o PT surgiu muito ligado às CEBs. Mas, ocorreu fenômeno semelhante, embora eu desconheça dados sobre frequência às missas. O fato é que os templos católicos se esvaziaram. Só que aqui emergiu o neopentecostalismo. Mas, naquele momento, é o modelo eurocomunista que começa a se refletir na po-

---

<sup>21</sup> Intelectual, militante e secretário-geral do Partido Comunista Italiano.

<sup>22</sup> Salvador Allende, presidente chileno eleito em 1970 e assassinado durante um golpe militar em 1973.

<sup>23</sup> Um dos principais partidos italianos na segunda metade do século XX.

lítica da esquerda brasileira, especialmente no PCB. Essa ala do PCB que é eurocomunista acaba saindo do partido, onde está o Carlos Nelson Coutinho, por exemplo, e que escreveu um artigo que foi o mais importante naquele momento, *A Democracia como Valor Universal*<sup>24</sup>, ele sai e, anos depois, ele vai para o PT. Então, eu não vejo essa influência direta no PT no início dos anos 80. O PT rejeita o socialismo real e a social-democracia, logo tem desconfianças também do eurocomunismo que junta as duas coisas: a tradição comunista ortodoxa com o reformismo social-democrata.

Há uma influência nas políticas públicas no PT, e que é uma coisa bastante específica, mas importante, falo do modelo de saúde que os comunistas defendiam na Itália. Os comunistas italianos defendiam ideias que foram apropriadas aqui no Brasil pelo PCB e que levaram à defesa do SUS. É uma ideia que foi defendida na constituinte em 1988 pelo PCB e que tinham médicos comunistas apoiando. No PT era o David Capistrano<sup>25</sup> e o grupo dele no PT. O David Capistrano vinha do PCB de São Paulo. Tinha o Sérgio Arouca<sup>26</sup> do PCB no Rio de Janeiro, havia os médicos do PC do B na Zona Leste paulistana como o Francé e o Feldman. Acho que houve uma influência muito importante nessa defesa que a esquerda fez no novo modelo de saúde pública, mas na organização inicial do PT não.

Então, o que eles estão debatendo, naquela década, é o socialismo que se define pelo negativo, quer dizer, não é um socialismo que tem um programa. O programa do PT nunca foi de fato socialista revolucionário, ele teve o socialismo como uma das suas proposições,

---

<sup>24</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. **A Democracia como Valor Universal**. In: Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

<sup>25</sup> David Capistrano da Costa Filho, Médico sanitário, foi prefeito de Santos pelo Partido dos Trabalhadores no início da década de 1990. Filho de militante do PCB David Capistrano da Costa, morto sob tortura no período da Ditadura Militar.

<sup>26</sup> Médico, sanitário e professor da Ensp/Fiocruz, foi militante e deputado pelo PCB em 1991, consultor da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e no início dos anos 80 trabalhou no programa de governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) na Nicarágua.

mas nunca foi um programa eminentemente socialista. O PT não fez congresso nos anos 80, fazia encontros nacionais. Então, não tinha uma estratégia, tinha, na verdade, um conjunto de proposições e táticas, cujo centro era a eleição do Lula presidente da República. No quinto encontro, que foi o mais importante, de 1987, se desenhou um esboço do que seria o programa democrático popular e como implementá-lo a partir da presidência da República, mas ainda de maneira abstrata. Então, não tinha esse programa socialista.

Agora, por que pela negativa? Porque, como eu disse, o PT rejeitava o leste europeu e a União Soviética, por influência trotskista, principalmente, também da corrente autonomista, e de várias correntes que não eram stalinistas. E rejeitava, pelo menos no discurso, a socialdemocracia, porque rejeitar a socialdemocracia europeia era rejeitar também a nossa socialdemocracia de tradição “trabalhista”. É uma ruptura no nível do discurso com o trabalhismo, eu digo, no nível do discurso, porque eu diria que o Lula, quando se tornou presidente, ele também molhou a mão no petróleo, o sindicalismo da CUT se atrelou ao governo, quer dizer, então deixou de ser novo. O PT deixou de ser diferente daquele velho PCB nesse aspecto, e apoiou um modelo que se chama de novo desenvolvimentismo.

**B/G:** Na obra *Em defesa da história do marxismo e pós-modernismo*, Ellen M. Wood afirma que a teoria pós-moderna foi de grande influência para a *nova esquerda*. O particular e o sujeito foram dimensões que passaram a ser incorporadas, com ênfase em noções como identidade, poder, opressão e discurso. Essa teoria fundada por ex-marxistas como o filósofo e ex-membro do grupo Socialismo ou Barbárie, Jean-François Loyart, criticava as grandes narrativas como no marxismo. Dessa forma, como identificamos a nova esquerda? Podemos afirmar que as teorias pós-moderna, pós-estruturalista e pós-marxista influenciam a esquerda hoje? Podemos ainda identificar algumas dessas teorias na esquerda brasileira?

**LS:** A resposta é sim, e eu não sei se é felizmente ou infelizmente, talvez as duas coisas. Porque, por um lado, é esse novo recorde geracional que você citou, essas novas influências iluminaram também preconceitos e erros que a esquerda tradicional tinha, isso tudo é importante. A classe trabalhadora sempre foi muito mais plural do que os programas de esquerda admitiram, porque trabalhavam, muitas vezes, com a classe trabalhadora no sentido abstrato, só que isso também responde a mudanças objetivas. Por que os europeus começam a falar sobre isso? Porque a globalização neoliberal acentuou essa transformação do mundo do trabalho que a gente já vinha discutindo antes, com a fragmentação das grandes plantas fabris, com o avanço da telemática, com a financeirização da riqueza. Portanto, essas novas ideologias que tomam conta da esquerda tem um chão objetivo, você não tem mais uma classe operária numerosa dos países europeus, como havia antes, aquela classe operária de macacão, de boné de trabalhador manual em grandes plantas fabris diminuiu. Não quer dizer que a classe trabalhadora deixou de existir, mas aquela classe operária, do jeito que aparecia, ela desapareceu ou diminuiu muito nos países europeus. Com o advento da China como potência econômica mundial, a oficina do mundo se deslocou para o Oriente. Então os europeus passaram a refletir essa mudança objetiva.

Agora, nós não somos europeus e nem chineses, nós somos latino-americanos, somos brasileiros, importamos muitas ideias que nem sempre são úteis para compreender a nossa realidade. Por exemplo, você citou o pós-moderno, eu não sei o que é pós-moderno! Morte das grandes narrativas, a crítica da ideia de verdade objetiva, a redução da História, disputa de narrativas... se isso, por um lado, pode ter sido visto como algo libertador e emancipador, também teve a sua contrapartida na expansão do fascismo que, por vias tortas, e eu não estou dizendo que é igual ao outro lado, mas, por vias tortas, diz exatamente isso! Não tem verdade objetiva, tem, enfim, disputas de versões, não há processo histórico objetivo, não há fatos. Esse tipo de coisa nos ajuda em quê?

Vejo teóricos europeus falando em nome dos subalternos do sul do mundo, mas eles são europeus! O Boaventura, que fez trabalhos importantes, virou Papa das epistemologias do sul. Esquecemos que ele é português, branco e nasceu num país colonialista. Eu acho que isso não é importante para discutir as ideias dele, mas, segundo os critérios dominantes hoje, deveria ser importante. Então, por que devemos ouvir um homem branco, português e colonialista? Devemos sim, até porque Boaventura não é colonialista. Agora, nós temos na América Latina uma tradição de pensamento crítico que geralmente deixamos de lado. Por exemplo, há uma tradição brasileira desde o Manoel Bonfim<sup>27</sup> e Caio Prado Júnior<sup>28</sup> que fala, em outros termos, de colonialidade e decolonialidade, sobrevivências pós-coloniais que, mesmo com as independências, mantêm uma certa dominação cultural colonial que permanece. Bom, isso é Caio Prado Júnior! Ele diz isso! Desde os anos 30 e 40, e não estou dizendo que é só para repetir o Caio Prado Júnior, enfim, ele escreveu em outra época, com os limites dele. Mas, só cancela um autor como Caio Prado, um organizador cultural como Mario de Andrade, um pensador como Manoel Bonfim ou Euclides da Cunha ou Celso Furtado quem precisa reinventar um antigo debate nosso com as modas estadunidenses.

Debato bastante com Guilherme Cardoso de Sá a questão da precarização. É um conceito que também foi importado da Europa. Temos que sempre pensar como é que o conceito adquire densidade histórica e espacial, no momento em que vivemos e onde vivemos. O que é a precarização para escola pública? A escola pública no estado de São Paulo, especialmente para vocês que conhecem bem, no interior paulista, tem escolas belíssimas, teve muita escola pública com boa infraestrutura aqui no estado de São Paulo, e ela não era

---

<sup>27</sup> Manoel Bonfim (1868 – 1932) foi médico, psicólogo, professor, sociólogo, pedagogo e autor de obras como *América Latina: Males de Origem* (1905).

<sup>28</sup> Caio Prado Jr. (1907 – 1990), um dos mais importantes intelectuais marxistas brasileiros. Publicou diversas obras, entre as quais destacam-se: *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) e *A Revolução Brasileira* (1966).

só para elite, mas ela era restrita. Quando se popularizou, ela foi degradada, especialmente depois de três décadas de PSDB, mas para quem não estava na escola e entrou nessa escola degradada, isso é precarização? Do ponto de vista de quem houve precarização? Aquela empregada doméstica que passa a trabalhar num trabalho horrível de telemarketing, ela acha que foi precarizada? A nossa realidade não é europeia. Agora, Caio Prado Júnior, lá nos anos 50, na *Dialética do Conhecimento*<sup>29</sup>, ele diz assim: “a transição do *trabalho servil* para um trabalho assalariado na Europa é desqualificação, porque você tinha um artesão que dominava o todo. No Brasil, é transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado, é qualificação, não é a desqualificação”.

Falamos de centro e periferia na América Latina desde os anos 40 e 50. O Prebisch<sup>30</sup> já tinha cunhado esse debate de centro-periferia com uma análise histórica, com uma análise sobre a especificidade da América Latina, questionando paradigmas europeus, questionando o modelo das vantagens comparativas, questionando a ideia de que o comércio livre levaria a América Latina ao desenvolvimento, ou seja, é um pensamento que não é só dele. E só para pegar o pensamento cepalino, ele é um pensamento crítico que foi muito importante, mas que as pessoas que hoje falam das novas identidades não conhecem, aliás, ignoram propositalmente a história econômica. Eu escrevi um livro chamado *A Batalha dos Livros* que é uma espécie de história bem panorâmica da esquerda a partir das suas edições, dos seus jornais, das suas editoras. Eu busquei destacar essas expressões quando elas surgiam. Então, na verdade, desde os anos 30, você tem discussão no PCB sobre a questão feminina, a questão do negro, também havia a predominância de preconceitos nas direções em geral, brancas, se bem que nem sempre foi assim, pois o PCB tinha candidato negro à presidência da República.

---

<sup>29</sup> PRADO JR, Caio. **Dialética do Conhecimento**. 6ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1980. A primeira edição foi publicada em 1952.

<sup>30</sup> Raúl Prebisch, economista argentino e integrante do CEPAL.

Nos anos 30, as direções eram proletárias, de trabalhadores manuais, e são as mais criticadas pela historiografia ou esquecidas. Até pelos apelidos dos dirigentes do PCB, “Cabeção”, “Gaguinho”, “Bangu”, “Miranda”, essa era a direção do PCB nos anos 30. Claro que a questão do movimento das mulheres sempre foi mais importante, não era a mais importante do partido, mas elas tinham presença no partido e lutavam para o congresso de mulheres, federação de mulheres. Eu e o Luiz Bernardo Pericás organizamos um livro que é *A História do PCB*<sup>31</sup>. Juntamos desde autores consagrados como Anita Prestes<sup>32</sup>, Marly Viana<sup>33</sup> e algumas pessoas que estudaram essas coisas que você está talvez querendo conhecer mais, como as gráficas do partido, as mulheres, a questão racial, militares, sindicalistas, as questões que havia na tradição comunista.

Agora, em relação ao PT, o partido é marcado como plural, mas isso não foi um produto do movimento sindical, isso foi um produto também de grupos que ingressaram no PT nos primeiros anos. Por exemplo, a questão da homossexualidade era mais levada em consideração por alguns grupos trotskistas. A Convergência Socialista<sup>34</sup> sempre deu mais atenção à luta em torno da questão da homossexualidade, e havia grupos autônomos que não eram de partidos, claro que havia militantes de partidos, eu cito no livro *História do PT*. Havia jornais, por exemplo, do Grupo Lésbico que existia no início dos anos 80, o Movimento Negro Unificado. Eu até cito algo que aconteceu com o Raul Cortez<sup>35</sup>, que era um ator naquele momento importante, próximo ao Partido Comunista, e parece que o Giocondo Dias<sup>36</sup>, e se não me engano, ele já era o secretário geral do Partido, fez uma crítica ao Raul

---

<sup>31</sup> SECCO, L.; PERICAS, L. B. (Org.). **História do PCB**. 1. ed. São Paulo: Ateliê, 2022.

<sup>32</sup> Historiadora e filha de Luís Carlos Prestes e Olga Benário Prestes.

<sup>33</sup> Historiadora e militante comunista.

<sup>34</sup> Tendência interna do PT.

<sup>35</sup> Raul Cortez (1932 – 2006) foi ator, produtor e diretor.

<sup>36</sup> Militar e militante do PCB.

Cortez porque seria homossexual. Aí o Prestes foi assistir à peça do Raul Cortez e subiu lá no palco, depois foi aos bastidores para cumprimentá-lo. Ninguém esperava isso do Prestes.

No PCB havia também militantes ligados à causa da defesa da homossexualidade. O movimento negro tinha muita receptividade no MDB, depois do PDT, não era uma coisa do PT, militantes do movimento negro do PT, com o tempo, obrigaram o Partido a pautar a questão racial. O PT chegou a ter um setorial judaico, quer dizer, se tinha um grupo organizado, formava-se um setorial, então teve setorial depois de gays e lésbicas, como se dizia na época etc. Nesse ponto, ele era mais plural desde o início, mas o momento é outro também.

A década de 80 foi de libertação comportamental muito grande e isso também aconteceu na política. Até meados dos anos 1980, a proximidade entre dirigentes e dirigidos do PT era bastante forte, os dirigentes eram muito questionados, porque eles também não eram políticos estabelecidos, eles tinham que ouvir muita reclamação das bases do partido.

**B/G:** Por fim, como você avalia a onda neoliberal no fim dos anos 80 e início dos anos 90 para a esquerda brasileira?

**LS:** O neoliberalismo europeu foi vitorioso de 1979 a 2008, porque houve, de fato, mudanças objetivas no capitalismo que deram ao capital maior mobilidade e também por escolhas políticas que levaram os governos a reduzir gastos sociais, aumentar juros, remunerar mais o capital em detrimento do trabalho e acabar com a possibilidade de governos europeus fazerem política econômica independente após a unificação monetária. Mas, na América Latina, há uma perversidade extra, porque aqui não havia Estado de Bem-Estar Social.

A vitória do Collor foi importante nesse aspecto, mas também o fim da União Soviética. Isso deu um clima ideológico para implementar as ideias que já vinham sendo propostas nos anos 70 e 80 de privatização. O governo Figueiredo é um governo que queria fazer

muitas privatizações, e não deu tempo. Quer dizer, já vinha uma crítica do empresariado à ditadura, mas não porque era ditadura, mas uma crítica às estatais. Então esse discurso vai ter um grande amparo ideológico após o fim do socialismo real. Foi o evento internacional que mais impacto teve na política brasileira do período. Ele abalou muito a esquerda, inclusive o PT, que era crítico à União Soviética.

E podemos fazer uma ligação com a questão anterior. Globalização neoliberal e fragmentação do mundo do trabalho encontra a sua expressão num discurso que exalta a subjetividade. Você não tem mais as grandes narrativas também, não tem grandes conjuntos sociais, não tem classe social e não tem luta de classes. Tem meritocracia, luta de indivíduos, é o que testemunhamos hoje, as pessoas de esquerda reafirmando o “eu”. É o que mais se fala, não tem mais o “nós”. Só que, ao mesmo tempo, eu não concordo com muitas dessas explicações do neoliberalismo que tendem a tornar o neoliberalismo como algo inescapável, que já foi introjetado e se tornou uma segunda natureza. Não acho que isso é novo, isso foi resultado da luta de classes e da derrota política da esquerda, porque esse liberalismo é, por exemplo, a ideia de que os interesses privados das grandes empresas se tornaram constitucionalizados, o direito privado se tornou constitucionalizado, você coloca na lei ou na Constituição, se possível, que o Banco Central é independente, ou seja, não podemos mais mexer nisso.

Você cria uma emenda constitucional de teto de gastos públicos por 20 anos, você cria todas as leis possíveis que são contra o mundo do trabalho, quando se trata de direito do trabalho aí você desconstitucionaliza, em nome da Liberdade dos indivíduos. Só que isso não é uma novidade histórica, porque assim era no século XIX. Não tinha direito trabalhista, o direito constitucional dava guarida para os interesses privados, é uma coisa dos franceses em 1830. Você pega até literatura do século XIX, é só ler o Balzac<sup>37</sup>, todos os personagens introjetaram uma competitividade, eles só pensam em dinheiro.

---

<sup>37</sup> Honoré de Balzac (1799 – 1850), escritor e político francês.

Agora, essas teorias do fim do mundo, do fim das classes, do fim da história, essas teorias, elas são para consumo de indivíduos que estão bem posicionados no mercado especificamente acadêmico. Falar em descentramento, enfatizar fronteiras, margens, o ambíguo, o efêmero, o poder diluído, combater o Estado, a nação, a homogeneização cultural etc., tudo isso permite revelar o que certos universais escondiam, como a raça e o gênero. Mas, eu não jogaria fora tudo. A classe social pode ser ressignificada e aquelas dimensões, antes obscuras, podem constituir uma classe social muito mais concreta, a da trabalhadora, negra, mulher etc. Mas, continua sendo classe social, definida por interesses econômicos antagônicos à burguesia. O avanço do neoliberalismo mostrou que, na periferia, não podemos esquecer nem os conceitos de estado e nação. Pelo menos por bastante tempo. Quando a pandemia nos ameaçou, a quem recorreremos? Ao velho Estado, à sua capacidade normativa, ao seu sistema de saúde, às universidades públicas, ao gasto estatal para manter os desempregados. As comunidades locais também foram importantes, os indivíduos foram importantes, mas eles não compram vacinas. Orçamento público é expressão da luta de classes e não uma disputa pós-moderna de narrativas.